

A close-up photograph of a man with a beard and mustache, wearing a white tank top, eating a large burger and a pile of french fries. He has a focused, almost intense expression. A speech bubble graphic with a red and white striped tail is positioned in the upper right corner, containing the text 'TEMPOS LIVRES'.

TEMPOS LIVRES

Consumir v. tr. (1) Gastar ou corroer até à destruição. Devorar, destruir, extinguir: os vermes consomem os cadáveres. (2) Destruir: o incêndio consumiu a casa. (3) Gastar, aniquilar, anular: os excessos consumiram as suas energias. (4) Enfraquecer, abater: a doença consumiu-o terrivelmente. (5) Desgostar, afligir, mortificar: as trsnadas dos filhos consomem os pais. (6) Fazer esquecer, apagar: o tempo consumiu a lembrança de aquele feito heroico. v. r. (1) Esgotar-se, extenuar-se: consome-se com tanto estudo. (2) Atormentar-se. Sinóns. Dissipar, esfregar, gastar, destruir, comer, agoniar [lat. consumere].

LEITURAS



Xohán Xesús González: un precursor do soberanismo galego



É óbvio que o fascismo nom só pretendeu eliminar fisicamente figuras como Xohán Xesús González, mas também a sua memória e exemplo. Para justificar a pertinência destas publicacións, bastaria com nos remeter à parte mais conhecida – muito pouco – deste auténtico precursor do soberanismo galego, a fundación da Unión Socialista Gallega (USG), pioneira por conciliar nacionalismo e socialismo na Galiza, quando estes dous significantes ainda nom foram tam pervertidos; ou é suficiente com lembrar que liderou a resistencia na comarca de Compostela contra o alçamento franquista, ao dirigir o Terço de Calo, que mesmo passeeu umha bandeira vermelha diante dum quartel de artilharia, para ser finalmente fuzilado em 1936, na plenitude da sua actividade política e intelectual.

Achamos muito mais: a história dum socialista que começa de canteiro na mocidade em Cúntis; a dum jornalista que defende a liberdade e independência contra os poderes estabelecidos; a dum incansável activista cultural que abre umha livraria em que os clien-

tes pagam o preço que consideram justo pola obra, que promove a criação dum museu para a obra artística galega ou impuliona bibliotecas circulantes; a dum poeta, dramaturgo, narrador, analista jurídico, inovador na narrativa erótica ou no uso de heterónimos. Poucos temas podem ser-nos alheios: os direitos da mulher, a formação crítica, a censura da claudicação juvenil ante as modas impostas, a crítica à imposição da tauromaquia, destacam-se entre os numerosos escritos resenhados. Particularmente interessantes som os argumentos em favor do nacionalismo, explicitamente independentista, que utiliza o cuntese, contra os lugares comuns – reaccionário, antidemocrático, dogmático – movidos pola imprensa espanhola, com umha notável continuidade acústica até hoje.

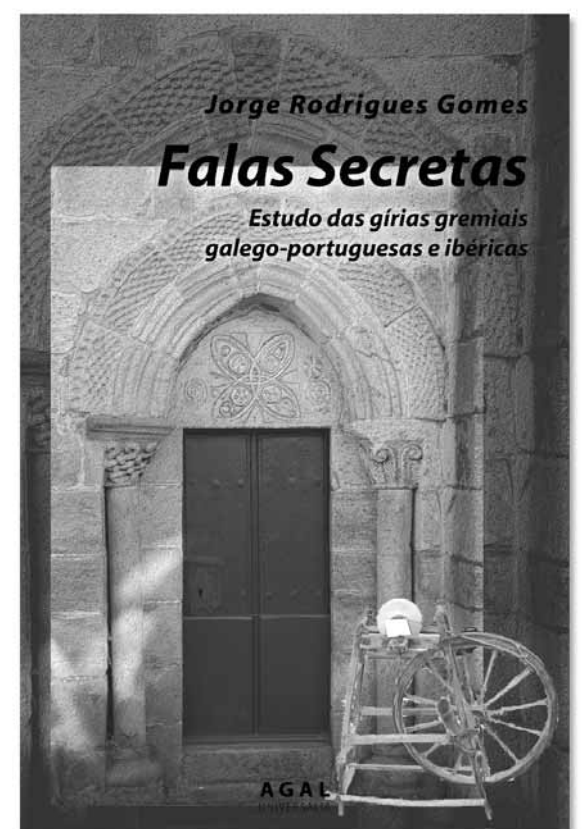
Nom nos deve surpreender tanto silêncio até hoje, já que nunca o poder respeitou a memória de quem o combateu, nem a quem o enfrenta, o soberanismo que se ergue perante um Estado que representava, já em 1933, “umha ruína iminente e um perigo constante”. / JOSÉ VICENTE

Vem a lume o primeiro estudo lingüístico sobre as gírias gremiais galego-portuguesas

Baseando-se numha minuciosa investigação desenvolvida ao longo de vários anos e inicialmente plasmada como tese doutoral, Jorge Rodrigues Gomes, professor de língua galega e membro da Comissom Lingüística da Associação Galega da Língua, dá agora à estampa, publicada pola agal, umha magnífica monografia sobre as gírias gremiais galegas e ibéricas, intitulada *Falas Secretas*, estudo das gírias gremiais galego-portuguesas e ibéricas. Trata-se, de facto, do primeiro estudo das gírias gremiais galegas realizado de um ponto de vista lingüístico, e nom simplesmente etnográfico, de modo que o livro de Jorge Rodrigues fornece dados fundamentais sobre a origem, constituição e relações de mais de trinta gírias gremiais dos domínios lingüísticos galego-português, ásturo-leonês e castelhano. Por gírias ou criptolectos gremiais deve aqui entender-se o conjunto de códigos verbais especiais, derivados da língua comum, que fõrom gerados (em muitos casos, já na Idade Média) no seio de certos colectivos profissionais de carácter tradicional (na Galiza, por exemplo, afiadores [baralhete], alvanéis [verbo dos chafoutas], pedreiros [verbo dos arguinhas], telheiros [verbo dos cabaqueiros], músicos [verbo dos xingreiros]...) com a finalidade de se impedir a inteligência das

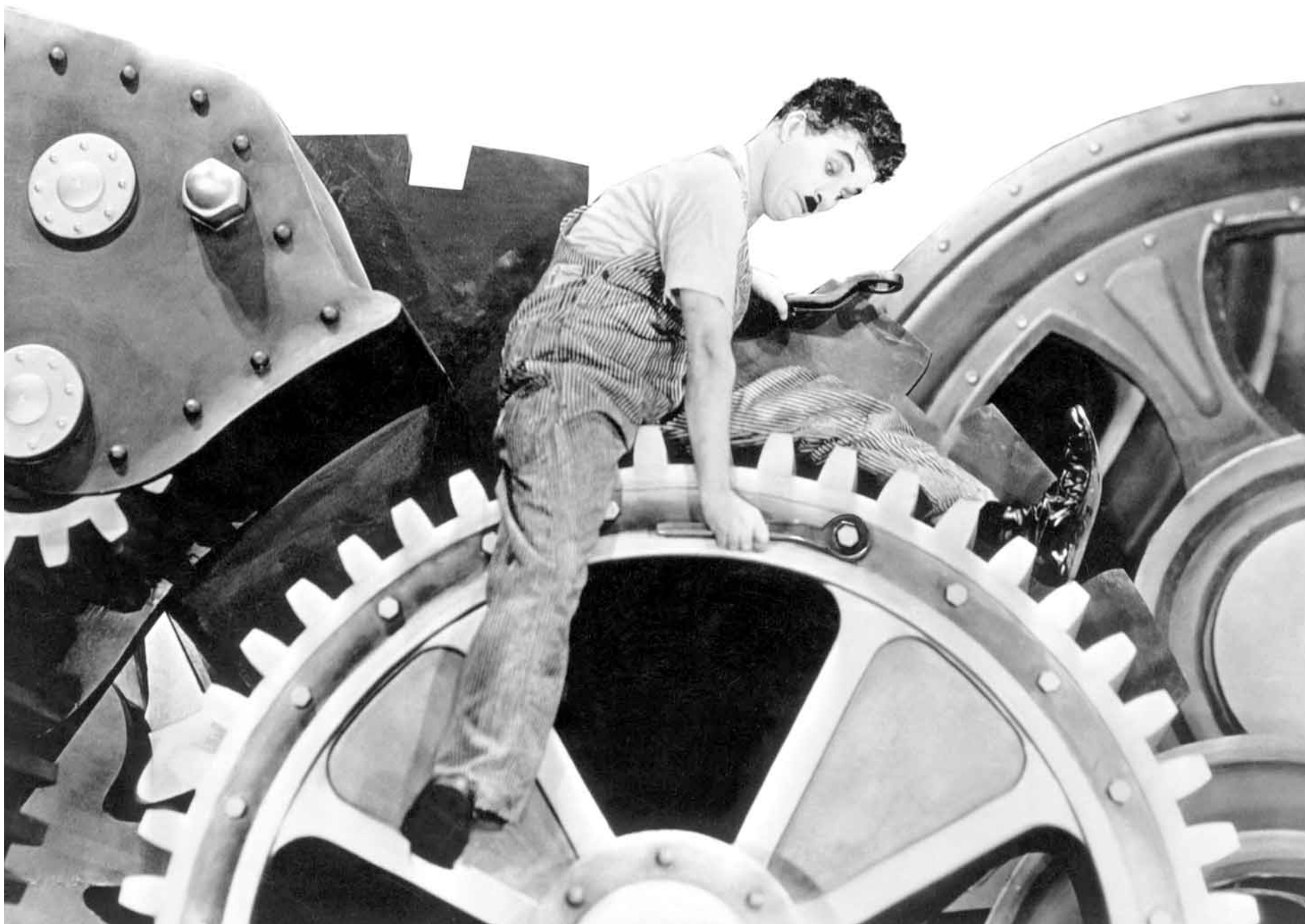
mensagens a indivíduos alheios ao ofício.

A monografia de Jorge Rodrigues é de enorme interesse, porquanto até à presente altura sobre as gírias gremiais apenas existiam estudos antigos, elaborados na sua maioria por etnógrafos amadores e carentes de rigor filológico. Além disso, muitas destas gírias estão hoje à beira da extinção, polo que se revela urgente o levantamento de testemunhos directos da sua existência. Como fonte do material lingüístico estudado, o autor efectuou um completo escrutínio da bibliografia e realizou entrevistas pessoais a utilizadores e conhecedores de várias destas gírias, pesquisa de gabinete e de campo de que resulta a compilação de mais de mil palavras criptolectais nunca antes registadas e a surpreendente descoberta de algumha gíria galega até agora desconhecida, como o baralhete dos cegos. Diga-se, por último, que a rica realidade lingüística que este magnífico contributo filológico de Jorge Rodrigues desvenda tampouco servirá, para desgosto dalguns, como abonação de aventureiras teses isolacionistas, umha vez que o rastejamento das origens e relações entre as gírias da Galiza e as gírias de Portugal também vem a confirmar, e nom podia ser doutro modo, a evidente unidade lingüística galego-portuguesa. / CARLOS GARIDO



leituras página 2 entrevista ao grupo de estudos "a fouce" página 3 o debate do consumismo páginas 4 e 5 tradiçõs africanas no brasil hoje páginas 6 e 7 entrevista eclética ensamble página 8

suplemento de lazer
alternativo
VERAO '08



GRUPO DE ESTUDOS "A FOUCE": "QUEREMOS SER MAIS UM RECURSO PARA OS MOVIMENTOS POPULARES NESTA COMARCA"

ANTOM SANTOS / O Grupo de Estudos "A Fouce" leva dous anos de caminhada, reunindo-se no centro social do mesmo nome, no Vale da Amaía. Todo começou quando um grupo de pessoas da comarca decidírom partilhar as suas inquietudes sociais com debates periódicos, enriquecendo assi a sua bagagem militante. Com a passagem do tempo, o grupo foi-se diversificando em idades e procedências políticas. Agora preparam a edição dum livro colectivo, e están a compilar umha pequena biblioteca em galego. Falamos com Breixo, um dos seus membros mais activos.

Quem compondes o Grupo?

Componhem-lo um conjunto amplo de pessoas, mas realmente implicados no trabalho, somos poucos. O mais interessante é que somos bastante diversos. Há gente relativamente "velha" que leva anos militando; gente mui nova, recém chegada ao activismo, e moços de vinteetantos anos. E pola condiçom que tem a nossa comarca, juntamo-nos compostelanos com pessoas de vários pontos da Galiza.

E a procedência política?

Do mais diverso, neste ponto si

que nom temos equivalente com nenhuma experiência (que nós saibamos). Há militantes do nacionalismo autonomista (ainda que eles nom sejam autonomistas); há independentistas; há anarquistas...e há gente que nom se quer classificar, sendo, por suposto, gente galega e de esquerdas.

Sái um debate claro de todo isto?

A verdade é que si, porque nom pretendemos "marcar linha". Unenos a preocupaçom de tocar temas que os nossos movimentos todos deixárom de lado, e que som o nosso dia-a-dia: tecnologia, mobili-

dade, lazer, trabalho...sem esquecer os clássicos, como formas de organizaçom ou língua. O livro que vamos tirar, "os Goliardos", vai recolher isto todo.

Que objectivo procurades?

Formaçom para a açom. Somos um recurso para os movimentos da comarca, umha escola aberta para a gente que trabalha no dia a dia. Falar por falar nom nos interessa. Isto nom quita que as próprias reunions e as próprias tertúlias nom sejam enriquecedoras e um valor em si. De feito juntamo-nos sextas à noite, rematamos ceando, e faze-

mos assi um pequeno convívio. Também é umha alternativa ao lazer consumista.

Que prioridades vos marcades de aqui em diante?

Vimos de estrear umha biblioteca modesta em galego: de Pepe Velo, a Malcom X, passando por George Orwell...estamos a espalhar pequenas brochuras de autores esquecidos, que valem muito para a gente que luta. E além disso, a prioridade é seguir: levamos dous anos ininterruptidos de reflexom e trabalho, e pensamos que a continuidade é um valor em si.

O DEBATE DO CONSUMISMO

por antom santos

Começa a ler-se no nosso país a obra *Consumir menos, viver melhor*, publicada pelo galego Toni Lodeiro na editora basca Txalaparta, que se pode descarregar de graça no portal www.nodo50.org. Que nós saibamos, nom há obras monográficas dedicadas a esta questom que saíram do prelo na nossa terra. A explicação pode ser encontrada nas próprias condições sociais galegas, mui distantes das que provocam livros debruçados na questom do consumismo. Contodo, e como havemos de ver depois, a dependência compulsiva das mercadorias chegou já à Galiza, o que faz pertinente reflectir nas chaves que nos oferece Toni Lodeiro.

O livro tem umha grande extensom (500 páginas) e atinge um leque temático mui amplo. Praticamente qualquer fasquia da nossa vida, ocupada pola lógica consumista, pode ser reciclada com fórmulas singelas em favor de formas de vida mais sensatas, menos patogénicas e mais consequentes com os valores prediados pola esquerda. Da vivenda ao tempo livre, passando pola roupa ou a alimentação, sem descuidar aspectos mais intangíveis – ensino, comunicação ou relação com as novas tecnologias. A filosofia que guia as propostas merece ser salientada, já que os chamados à desligação das formas de vida dominantes nem sempre fôrom afinadas. Toni Lodeiro indica com muito sentido que este caminho a percorrer deve de ser radical e sensato a um tempo. Quer dizer, apontar às manifestações mais flagrantes da injustiça que domina, mas tendo claros os quadros sociais onde esta nossa lógica quer ser aplicada. Umha proposta por umha vida austera nom pode ser vivida como a penitência em favor da existência coerente, uma diminuição de bens e hábitos guiados pola mera recusa. Diz-nos o autor que a



perda de dependência tem que ser vivida como um ganho, de maneira que instalar-se nas chaves da sensatez seja um exercício saudável e mesmo gozoso. Nesta mesma filosofia, Lodeiro vinca na necessidade de nom moralizar nunca, entender e tolerar posições mais atrasadas, e nom cair num tique da esquerda mil e umha vezes repetido: o sentido

de superioridade moral que leva a contemplar os semelhantes como pessoas menos solidárias, mais alienadas, ou mais encadeadas a posições acomodáticas. As sugestons do livro som sugestons que pretendem incidir em sociedade, nom conduzir às perfeições do anacoreta nem modelos de vida totalmente autárquicos. A pretensom de estabelecer

umha barreira ética com as pessoas que nos rodeam – aliás de vergonhoso do ponto de vista ético – fai-se totalmente contra-producente.

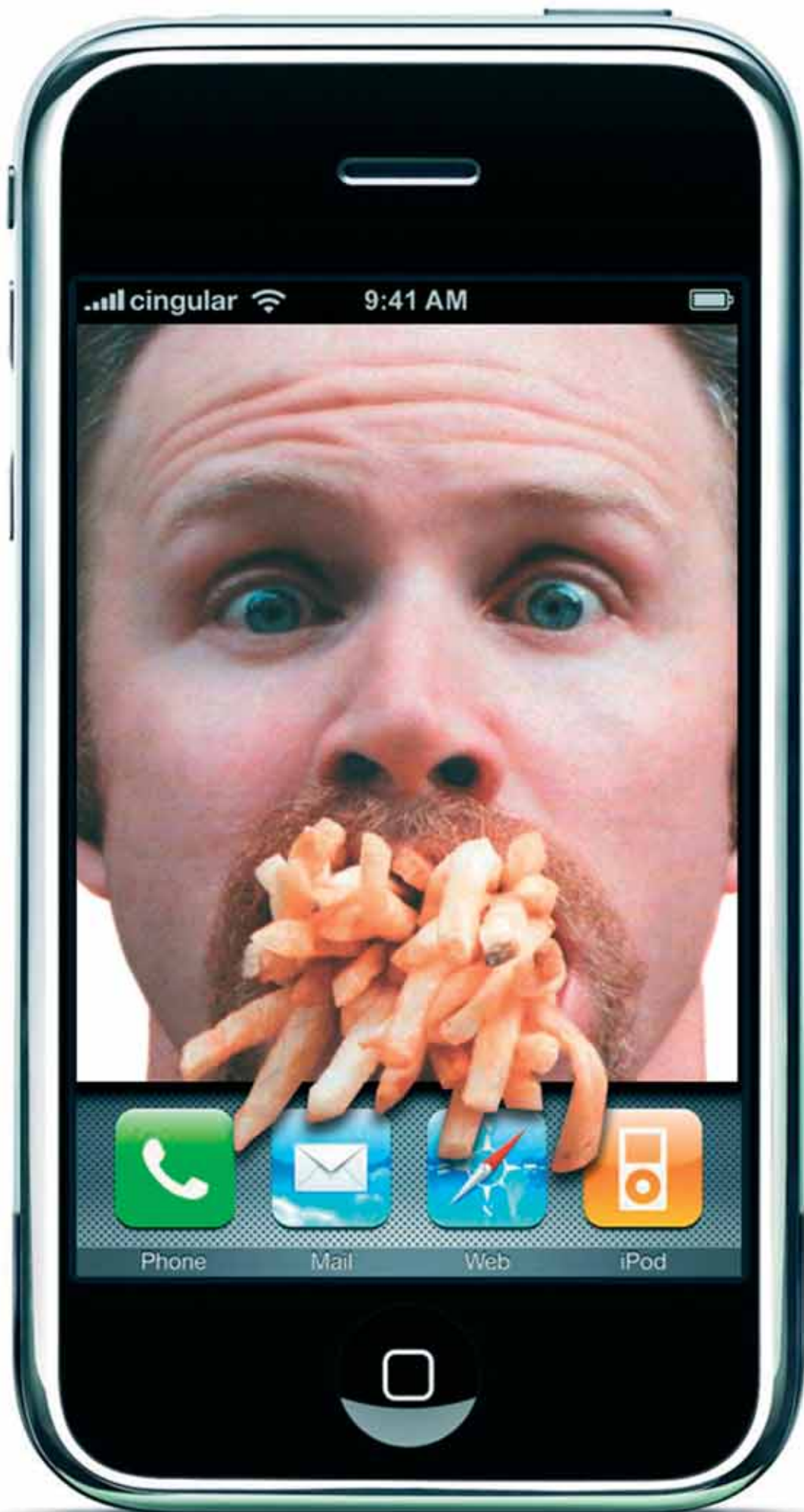
De resto, nom merece a pena debulhar pormenorizadamente as propostas de actuação e desligação que nos traz o livro. Avonda dizer que som as propostas do senso comum, proscrito na

É IMPORTANTE ESTA MILITÂNCIA EM FAVOR DO SENSO COMUM, UM DOS VALORES SOCIAIS MAIS PRECIOSOS QUE TEMOS PERDIDO NOS ÚLTIMOS ANOS, JUNTO COM AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS MÍNIMAS, OS DIREITOS SOCIAIS SOBANCEIROS OU O DEBATE PÚBLICO

nossa época e mui dificilmente aplicável numha sociedade como a nossa. Qualquer velho galego de hoje – que conhece os rigores da privação e as dificuldades inerentes à vida – pratica com naturalidade muitos dos conselhos que fornece o autor corunhês. E é importante esta militância em favor do senso comum, um dos valores sociais mais preciosos que temos perdido nos últimos anos, junto com as liberdades democráticas mínimas, os direitos sociais sobranceiros ou o debate público.

As necessidades sociais e a falta de linguagem incisiva

Cumprе salientar em que contexto social sai do prelo um livro como este. Em plena crise económica, e aguilhoados polas perspectivas funestas que dizem respeito o colapso do sistema energético e a mudança climática, som muitas as correntes que, no quadro do centro capitalista, ensaiam formas de vida que



emendam à totalidade a sociedade da mercadoria. A corrente do decrescimento, na França ou Catalunha, as ideias da simplicidade radical pela Europa adiante, ou o movimento da *slow life* em Canadá e os EUA, avançam pelo mesmo caminho. Som movimentos numericamente minoritários, mas relativamente relevantes, dado o eco que obtêm as suas propostas. Respondem a necessidades sociais sentidas profundamente, e isso, de partida, já constitui um certo mérito, num mundo das ideias onde nem raro os programas e as consignas teóricas se colocam por diante dos desafios vitais do dia a dia.

Como aproximação crítica a estes postulados, podemos carregar no mesmo sentido que faziam passadas correntes emancipadoras, há muitas décadas, contra as propostas de fuga: aquelas que foram arvoradas por socialistas utópicos no século XIX, naturistas nas décadas de 10 e 20, ou squatters nos 70 e 80. Em linhas gerais – e ainda com risco de simplificação – podemos dizer que estas correntes esquivam deliberadamente a questão do poder e escurecem até à desapareção a mesma noção de conflito e luta, que som os processos naturais onde se preparam os movimentos de emancipação; congregam por sua volta profissionais acomodados que escolhem o desclassamento, normalmente de costas às convulsões protagonizadas por proletários, precários, imigrantes ou necessitados; e confundem a ideia da fuga social (mudanças de vida no interior dumha mesma sociedade) pela fuga geográfica (ensaios de modelos alternativos longe da contradição e do ruído mundano).

Toni Lodeiro é perfeitamente consciente desta contradição irresoluta no seio da esquerda, e por isso teoriza em favor dumha síntese entre o combate e a meditação, entendidos como pólos extremos destas correntes. Ainda, ao nosso juízo, tal síntese nem se consegue, porque o autor fica preso a noções sem qualquer carga emancipadora, como consumo responsável, comércio justo ou voto na cesta da compra. A ideia de que a própria relação de mercado é um exercício democratizador – onde se favorecem as empresas responsáveis, os produtos de qualidade ou o trato ético com o cliente – é de facto umha ideia própria do mesmo neoliberalismo, que vê o homem económico como célula soberana das relações mercantis, o cerne da democracia moderna. Esta aquisição de contrabando das mesmas ideias do inimigo explica que tantos esquerdistas falem umha linguagem paradoxal, onde vida e consumo som sinónimos, porque toda fasquia da nossa existência pode ser comprada e vendida: aceitá-los, desde que ambos os agentes se comportem com transparência e umha moral esquisita.

Nesta dimensão, nom estranha que algumha pena da esquerda chame a que o poder fomente o consumo de cultura (como se comêssemos livros ou devedês), ou que os suplementos dos domingos da imprensa neoliberal dediquem “conselhos ecológicos” (e mui caros) para a classe média com problemas de consciência.

Muito mais sentido tem, ao nosso juízo, falar de superação do mercado e do dinheiro na forma de novas instituições comunitárias, na linha do “comércio mínimo” ou dos serviços de “cousatecas” que se têm teorizado; aliás, nom é insensato prescindir da ideia do consumo responsável “negando a maior”: quer dizer, negando a mesma necessidade de existência de muitos produtos susceptíveis de entrar nos “circuitos verdes”, e recuperando para o mercado e a economia o velho âmbito doméstico em que se desenvolveu para outras sociedades.

A óptica galega

A proliferação da internet tem provocado, na Galiza como em toda parte, umha fragmentação social sem precedentes, onde muitos sectores têm fabricado, em formato digital, um pequeno mundo à sua medida, quase auto-suficiente, que veu substituir a realidade material e as complexas interrelações do mundo da vida. Tampouco nós mesmos nos livramos e, em muitas ocasiões, rematamos por considerar como vizinhos os conhecidos do outro lado do écran, esquecendo que som filhos de outros povos, e que vivem afectados por problemas bem distintos. No caso da luta anti-consumista, nom podemos esquecer que as formulações mais atrevidas procedem de contextos sociais onde há muito que reina o mercado total, com as suas formas de vida autistas e blindadas, e a desapareção definitiva do apego a umha terra.

Dizia Santiago Alba recentemente que o socialismo e o comunismo nom som “estações finais” que culminam a viagem empreendida pelo capitalismo desbocado; mais bem, som estações intermédias que nos temos passado inconscientemente com vertigem, enquanto o modelo neoliberal entendia a fome desbocada na opulência para apagar as lutas sociais. Pois bem, se nos serve esta metáfora, entendamos que os galegos e as galegas – ao contrário que os espanhóis, os norte-americanos ou os alemães – temos ainda mais perto esta estação do que outros vizinhos. Nom a deixamos tam atrás, e por isso muitos dos motivos do velho mundo nos resultam familiares e nos som aproveitáveis: austeridade e ajuda mútua, vivência do território, economias locais e auto-suficiência, pluriactividade e saberes populares, comunicação directa. A nossa luta anti-consumista parte dum cerne secular, e por isso tampouco precisa falar nenhuma linguagem



Mulher acendendo velas nas rochas



Menina levando flores como oferenda a Iemanjá



Processão de Iemanjá

TRADIÇÕES AFRICANAS NO BRASIL HOJE

FOTOGRAFIAS E TEXTO DE MARIOLA MOURELO



Praia de Rio Vermelho, Salvador de Bahia (Brasil) Vista desde a praia de Rio Vermelho dos barcos levando as oferendas à Iemanjá para o alto mar



Rezando sobre as oferendas a Iemanjá



Pão de Santo fazendo limpeza de alma

“Yatunde”, a mãe voltou; Mãe África, quente como a noite tropical, majestosa no seu cortejo de divindades que surgem da escuridão, forças da natureza, água, mar, lama, relâmpago, ventos e trovão, forças que nos rodeiam e nos impregnam, forças que nos envolvem e nos regeneram.

E essa fé, admirável, tão poderosa que soube resistir à pior das adversidades, revela-se para nós todo um exemplo incomparável.

Gisèle Omindarewa Cossard

A história do Novo Mundo está marcada sem dúvida pelas práticas escravagistas do século XVI. Os escravos trazidos da África foram espalhados sem respeitar nem casais, famílias ou as comunidades das aldeias, contribuindo para a desintegração da identidade social do indivíduo assim reprimido e controlando a tomada de consciência e rebelião do negro.

Apesar disso conseguiram preservar vestígios do que um dia deixaram atrás de si, a cultura e tradições africanas, que misturadas com as diferentes comunidades de escravos, e a cultura tanto europeia como nativa da América, conformaram o que hoje se conhece como religiões afro-brasileiras.

Na Bahia, esta nova-velha religião nomeia-se Candomblé e embora fosse proibida e perseguida nos seus inícios, desde os anos 50-60 tem sido apoiada abertamente por artistas e escritores brasileiros, como Jorge Amado ou Caetano Veloso, incluindo-a como parte fundamental da identidade Baiana, tanto negra como branca.

A festa do mar, celebrada no dia 2 de Fevereiro, venerando Iemanjá, rainha das águas salgadas, é das mais populares entre os baianos, e a única que tem a sua origem no candomblé e não no catolicismo.

Iemanjá, rainha do mar, é também conhecida por dona Janaina, Inaê, Princesa de Aiocã, reino das terras misteriosas da felicidade e liberdade, e Maria, no paralelismo com a religião católica.

O bairro de Rio Vermelho cobre-se de branco e

azul, as cores da orixá, e desde bem cedo formam-se filas em frente da Casa do Peso, para deixarem flores brancas, dinheiro, e cartinhas de pedido para a Iemanjá. Pescadores e mães de santo dos terreiros da Bahia, organizam a entrega de presentes, e inúmeros balaios são levados em barcos para o alto mar, onde mora a orixá.

À beira do mar, mães e homens de santo invocam Iemanjá para provocar a limpeza espiritual, levando embora os sofrimentos e as sequelas emocionais que nos impedem de continuar evoluindo. Presentes e pessoas são abençoados com perfume no gosto da rainha, e nas pretas rochas inúmeras velas são acesas em comemoração dela.

Numa cidade onde o negro representa aproximadamente 60% da população, a massa humana presente mostra-se como uma bela mistura racial com crianças, idosos, homens, e mulheres, locais e curiosos a desfrutar da manifestação não só religiosa, mas cultural dum povo em continua construção.

kajire! (que o nosso despertar seja na felicidade!)



Mãe de Santo em transe Mãe de Santo em transe rodeada de grupo de pessoas cantando e tocando música

SOLE REI / No passado mês de Maio apresentava-se o disco de Eclética Ensemble, projecto musical encabeçado por Ugia Pedreira, Ramom Pinheiro, Davide Salvado e Richard Rivera. Mas Eclética não é uma banda, tal e como explica Ramom Pinheiro, mas “um movimento, uma sinergia” que, partindo da improvisação, transcende os limites do conceito tradicional de ‘agrupação’ e se nutre dos contributos das pessoas do seu âmbito. Não prevêem futuros concertos na Galiza, de maneira que por enquanto haveremos de nos conformar com ouvir o disco, que pode ser descarregado directamente da sua página web e que conta ainda com edição física. Esta, por 22 euros com despesas de envio incluídas, oferece versão em vinil e CD e um cartaz desenhado por Pancho Lapeña, e é distribuído pelo Novas da Galiza.

Dizeis que Eclética Ensemble não foi, não é nem será uma banda, mas no passado tendes feito actuações ao longo da geografia galega, chegando mesmo a Paris...

Isto começou no ano 2001 no Conservatório de Lalim; procuramos gerar um espaço para poder improvisar sobre cantigas tradicionais, mas em nenhum caso fazer uma banda. De facto, nunca tivemos local de ensaio nem manager, e não ensaiávamos. Estávamos muito tempo juntos, isso é verdade, sobretudo eu, Davide, Richard e Ugia, mas outra gente também fazia parte da interacção e da sinergia, e nutriam-nos de letras, de gráficos... Pelo 2002 começaram a chamar-nos, e nós íamos e fazíamos o que queríamos nesse dia. Escolhemos um nome que é uma homenagem, porque eu estudava sobre os gaiteiros, que é um mundo muito masculino; e dentro dos grupos de gaitas estão Os Rosales, um grupo emblemático, e está Maruxa, que canta e toca o bombo. E chama-se Eclética Órbita. Terá os seus 70 anos agora, e a sua filosofia conectou logo conosco. Fomos a Paris, a Barcelona, a Portugal... Pelo ano 2005 coincidimos com Carlos Blanco, gostou e disse que queria meter-nos num projecto. Durou um ano e tal e foi muito bom, mas obrigou-nos a ter uma disciplina, e foi a morte inevitável do grupo. Mas havia muito património deste colectivo de gente, e aí apareceu Nacho Muñoz, que gostava muito da linha aberta que tínhamos; juntamo-nos os dois e começamos a trabalhar sobre materiais que tínhamos tempo atrás, ideias... Juntamo-nos com Jurjo Pinheiro, que tem um pequeno estúdio em Chaiám, e andamos três anos a convidar toda a gente que aparece no disco para gravar.

Então o disco é um pouco uma compilação de experiências que surgiu no Conservatório...

O Conservatório foi a origem. E agora entre Setembro e Outubro finaliza. Foi um trabalho de convidar muita gente a improvisar; íamos cortando e colando, e o que há aqui são temas compostos na

sequência das improvisações do estúdio. Algumas coisas vinham do material anterior de Eclética e outras coisas não. Preferimos intitulá-lo com o nome de Eclética para fechar o ciclo de alguma maneira.

Então, depois da apresentação do disco, não contemplanis fazer concerto nenhum?

Há certo interesse por parte de alguma instituição portuguesa em que se possa fazer em Portugal. E nós somos a favor, ainda que se o

fizéssemos, seria a interagir com músicos de lá. Também se está a falar de Londres, mas esta hipótese se calhar acaba por não avançar, não sei. Em todo o caso Eclética finaliza assim, com a página web. Em qualquer caso creio que daqui

ECLÉTICA ENSEMBLE

na galiza o ciclo está fechado, “mas há certo interesse por parte de alguma instituição portuguesa em que se possa fazer algo lá”



“NA GALIZA HÁ UMA CULTURA DO GRÁTIS MUITO PREJUDICIAL: AQUI SE FOR PRECISO PAGAR PARA VER UM GRUPO GALEGO, NINGUÉM VAI, PORQUE É PROVÁVEL QUE SE POSSA VER UM PAR DE VEZES GRÁTIS NO VERÃO. NÃO HÁ UMA CO-RESPONSABILIDADE POR PARTE DO PÚBLICO. ESTE É O GRANDE ERRO: A MÚSICA NÃO É COMPREENDIDA COMO UM BEM CULTURAL, PATRIMONIAL E GERADOR DE RIQUEZA”

vão sair muitas coisas, dos artistas que se conheceram neste projecto.

Eclética nasceu ao abrigo do já defunto Conservatório de Música Tradicional e Folque de Lalim. Como criador, achas que faltam fóruns, pontos de encontro que propiciem a criação musical?

A verdade é que sim. Porque ainda sendo verdade que nos últimos quinze anos se deram uns passos enormes, a nossa geração está a apostar na profissionalização, começa a haver escolas de jazz, escolas de folk, mesmo escolas de rock; é verdade que os fóruns que propiciam são para os seus alunos, tocam com os padrões de música tradicional, de jazz ou do que quer que seja, mas, quanto a espaços livres de criação, não sei até que ponto esta mentalidade chegou a esses músicos. Por outro lado, são necessárias escolas profissionais para, quando saíres, teres capacidade para desenvolver-te profissionalmente no teu meio como músico, fora do currículo que te oferece o Conservatório Superior da Corunha, que, a mim, não me interessa nada.

O disco de Eclética foi totalmente autogerido e financiado por vós. Como vês o panorama em relação à visibilização das iniciativas musicais que possam surgir na Galiza?

Há uma nova geração que nos últimos quinze anos está a questionar a saída profissional dentro da música. Vende-se uma cultura do grátis muito prejudicial em relação a isso na Galiza, onde, se for preciso pagar para ver um grupo galego, ninguém vai, porque é provável que se possa ver um par de vezes grátis no Verão. Não há uma co-responsabilidade por parte do público. Penso que é o grande erro: a música não é compreendida como um bem cultural, patrimonial e gerador de riqueza. E isso gerou que não haja empresas, salvo as de macroespectáculos, e as que há são projectos que se movem por voluntarismo. As poucas que poderíamos considerar clássicas, tendo em conta que a primeira discográfica galega é do ano 1980, quando na Catalunha é de 1904, não vivem do público, mas dos subsídios, são empresas que têm distribuição, lojas... e isto é um complemento. Mas não há apostas grandes de promoção. E não os acuso, porque se desenvolveram num contexto de cultura subsidiada do qual é muito complexo sair. Há algumas empresas novas pequeninas que estão a tentar gerar outro tipo de dinâmica, mas é muito complicado, porque o problema é o público, que foi educado noutra coisa.

Para finalizar: já que não vamos ter concertos de Eclética para o Verão, que outros nos recomendas?

Dentro das produções galegas penso que é um bom momento de Marful, que estão a apresentar novos trabalhos e vale a pena; eu tentaria assistir também à Orquestra Omega, que me parece um projecto fantástico e muito interessante para os dias de hoje. Também algo de dança contemporânea, como o espectáculo Zocas.